

A REPETIÇÃO COMO POTÊNCIA DA DIFERENÇA NA ARTE CONTEMPORÂNEA

 <https://doi.org/10.56238/sevened2024.037-051>

Emerson da Silva Massoli

Doutorando em Artes Visuais no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Mestre e Bacharel em Artes Visuais na mesma instituição e Licenciado em Artes Visuais (Formação Pedagógica) no Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI. Membro integrante do Grupo de Pesquisa Arte e Design/CNPq - UFSM.

E-mail: emersonmassoli@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-9640-7818>

RESUMO

O artigo apresenta concepções dos termos Repetição e Diferença, embasados em Gilles Deleuze (2018), abordando uma noção geral da Repetição, sucedendo questões relacionadas a Diferença; bem como discorre sobre as três temporalidades no ato de repetir, produzindo relações com as conceituações de Arte Contemporânea de Alain Badiou (2013); assim, tecendo vínculos com a poética que desenvolvo, pontuando como a repetição, vista como processo artístico, potencializa a diferença na Arte Contemporânea.

Palavras-chave: Diferença e Repetição. Gilles Deleuze. Arte Contemporânea.

1 INTRODUÇÃO

Diante da constante profusão de imagens, na qual vivenciamos na contemporaneidade, a repetição de imagens se torna algo comum em meio ao ambiente virtual, onde reproduzir, compartilhar e copiar algo é uma tarefa fácil, rápida e possível a todos; não sendo muito diferente do ambiente físico e da materialidade. Possuindo em vista que o capitalismo e suas demandas ou exigências como sistema econômico exigem uma reprodução e acúmulo em massa de bens de consumo; tais circunstâncias de funcionamento deslocam-se e afetam o modo de vida dos sujeitos inseridos nesse contexto contemporâneo, onde a ação de repetir torna-se, muitas das vezes, um ato inconsciente e constante nas mais variadas dimensões da vida em sociedade.

Desta forma, a repetição também é percebida nas produções artísticas contemporâneas, nas quais a ação de repetir é compreendida pelo artista como uma potência para abordar e problematizar as questões presente no nosso tempo, próprias da Arte Contemporânea. Sendo assim, Alain Badiou (2013) define o termo “contemporâneo” como algo “de agora”, pertencente ao seu tempo; estendendo-se para a Arte Contemporânea, o autor define as produções e o Sistema da Arte atual como combatente da própria noção de obra, dessa forma, a Arte Contemporânea seria uma crítica de arte, uma crítica artística de arte, abordando, principalmente, o conceito de finitude da obra.

O autor acrescenta que a noção de Arte Contemporânea está submetida a duas normas, essenciais para caracterizar as produções artísticas atuais. A primeira delas faz um ataque contra a figura do artista, que anteriormente era considerado um gênio, alguém espetacular e sagrado. Essa questão é combatida mediante a ideia de que o gesto artístico pode estar associado a ações e elementos banais do cotidiano, ao mesmo tempo que pode ser feito de maneira anônima (Badiou, 2013. P. 03).

A segunda norma tem relação direta com a repetição. Por meio das concepções de Alain Badiou (2013) é possível considerar a Arte Contemporânea como possuidora de uma potencialidade que possibilitaria a repetição. Nesse sentido, a repetição, a reprodução e a serialização são procedimentos feitos para destruir a ideia de obra única dentro da Arte Contemporânea, se contrapondo ao que por muito tempo esteve vigente na História da Arte. Essa repetição ou reprodutibilidade da obra de arte, já pressuposta por Walter Benjamin (1892–1940), é algo vinculado ao contexto do capitalismo e ao mercado, exigindo uma produção em massa em nível industrial e também referente aos avanços tecnológicos da circulação de informações.

Do mesmo modo, o artista e, portanto, também o Sistema da Arte inseridos nesse contexto, trazem problemáticas do seu tempo em suas produções contemporâneas, questionando de diversas formas a reprodução de imagens, e por conseguinte, problematizando a unicidade, singularidade e aura das obras, dentro da noção de arte e ideia, vinda de uma realização espiritual.

Nessa perspectiva de a repetição ser uma possibilidade dentro da Arte Contemporânea, Gilles Deleuze (2018) afirma que quanto mais a vida cotidiana tornar-se padronizada, submetida a uma

reprodução acelerada de objetos de consumo, explicitamente relacionada ao capitalismo, mais a Arte deve ligar-se a essas reproduções da vida contemporânea e, principalmente, o artista extrair dessa vivência dentro deste contexto uma Diferença que, simultaneamente, está presente entre as repetições e suas temporalidades. Assim, reproduzir esteticamente as problemáticas da contemporaneidade, ao ponto de expressar a Diferença como uma força repetitiva de oposição com efeito de liberdade.

Talvez o mais elevado objeto da arte seja fazer com que todas essas repetições atuem simultaneamente, com sua diferença de natureza e de ritmo, seu deslocamento e seu disfarce respectivos, sua divergência e seus descentramento, encaixá-las umas nas outras e de uma à outra, envolvê-las em ilusões cujo 'efeito' varia em cada caso. A arte não imita, mas isso acontece, antes de tudo, porque ela repete, e repete todas as repetições, a partir de uma potência interior (a imitação é uma cópia, mas a arte é simulacro, ela subverte as cópias em simulacros). Até mesmo a repetição mais mecânica, mais cotidiana, mais habitual, mais estereotipada encontra seu lugar na obra de arte, estando sempre deslocada em relação a outras repetições com a condição de que se saiba extrair dela uma diferença para as outras repetições. Isso porque não há outro problema estético a não ser o da inserção da arte na vida cotidiana (Deleuze, 2018, p. 385).

Assim, interpreta-se como possível que as mais variadas formas de repetição (mecânica, virtual, manual, habitual, cotidiana, entre outras) são viáveis de servirem como potência para a produção artística contemporânea, no entanto, deve-se extrair dessas repetições uma Diferença, que é de natureza da ação de repetir, a fim de produzir arte a partir e por meio da Repetição, sendo tanto um conceito quanto como estética no fazer artístico.

Deste modo, desenvolvo uma pesquisa em poéticas visuais, em conformidade com as conceituações de Arte Contemporânea de Alain Badiou, na qual a repetição é o ponto central de estudo, desdobrando-se em inúmeras questões conceituais e estéticas. O estudo possui como problema a questão de como realizar desdobramentos de uma imagem base, não considerada original, na perspectiva da produção de outras, criando uma unidade visual entre as diferentes imagens repetidas. Por conseguinte, como desenvolver imagens por meio da repetição, que em uma primeira análise são semelhantes e equivalentes, mas que no seu cerne possuem diferenças, advindas de concepções variadas; mas ao mesmo tempo que individualmente são consideradas uma unidade e em conjunto formam um todo unificado. Assim como vinculando a prática artística a um processo híbrido, articulando técnicas exclusivamente manuais e tecnologias digitais, próprias do meu fazer artístico.

Seguindo o que foi exposto o presente artigo apresenta percepções acerca do conceito de Repetição pertinentes a pesquisa em desenvolvimento, possuindo como base para discutir as concepções do termo, o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1995) e seu livro "Diferença e Repetição", originalmente sua tese de Doutorado em Filosofia, publicado em 1968 no formato de livro. São destacadas as concepções gerais sobre o conceito de Repetição, bem como as três temporalidades da ação de repetir, delineando apontamentos pertinentes à pesquisa.

Deleuze em “Diferença e Repetição”, como o próprio nome do livro elucida, aborda os dois conceitos em conjunto, no qual cada um deles complementa a conceituação do outro. Nesse sentido, o autor afirma que a Repetição não é a generalidade, e que entre a Repetição e a semelhança a Diferença é de natureza. Assim, a generalidade é apresentada em duas grandes ordens, a qualitativa das semelhanças e a quantitativa das equivalências (Deleuze, 2018. p. 17).

A generalidade exprime que um termo pode ser trocado ou substituído por outro, essa troca dos particulares corresponde a conduta da generalidade. Ao contrário da generalidade, a Repetição só é uma conduta necessária e fundada em relação ao que não pode ser substituído. A Repetição diz respeito a uma singularidade não permutável, insubstituível. Portanto, o critério da generalidade é a troca, já a Repetição tem como critérios o roubo e o dom (Deleuze, 2018. p. 18).

Deste modo, repetir é comportar-se em relação a algo único ou singular, algo que não tem semelhante ou equivalente. A Repetição possui como conduta externa um eco de uma vibração mais secreta, de uma Repetição interior e mais profunda no singular, concretizando-se em uma potência. Deleuze (2018) afirma que no ato de repetir está presente por natureza uma Diferença que se sobrepõe sobre os repetidos. Nesse sentido, a Diferença habita a Repetição, ela nos faz passar de uma ordem a outra da Repetição; a Diferença está entre duas repetições, assim como a Repetição também está entre duas diferenças.

Assim, a Repetição é possível a algo singular e insubstituível, bem como a Arte e a singularidade própria de cada trabalho artístico. O ato de repetir acontece entre as duas generalidades ameaçando subvertê-las, em uma outra potência. Desta forma, a Repetição pertence ao humor e à ironia, sendo por natureza transgressão, exceção, manifestando sempre uma singularidade contra os particulares, sendo um universal contra as generalidades.

A partir das considerações iniciais do conceito de Repetição propostas por Gilles Deleuze, consegue-se ter uma noção de quais são as circunstâncias da ação de repetir e alguns dos aspectos da Repetição. No entanto, o autor realiza um aprofundamento maior em torno do conceito, apresentando as três temporalidades, presente, passado e futuro, no ato de repetir, revelando como a Repetição se comporta em cada uma delas, assegurando-se em sínteses do tempo. Apesar da singularidade da Repetição em cada tempo, ela estará presente simultaneamente nas três temporalidades genuinamente.

Dentro desta perspectiva, as repetições que realizo na pesquisa como prática artística, objetivando a construção das propostas, situam-se, simultaneamente, nas três temporalidades e, por conseguinte, nas sínteses do tempo pertencentes a cada uma delas. Assim, o ato de repetir como processo artístico, relaciona-se ao presente, ao passado e ao futuro conjuntamente, compreendendo as características singulares de cada uma das temporalidades da Repetição, que em conjunto formam uma potência interna no sujeito repassador e externa no objeto repetido.

A síntese pertencente ao presente está relacionada ao hábito e é de extrema importância, pois ela constitui também as outras temporalidades. Essa síntese é formada por uma contração, que a nomeia, síntese da contração ou passiva, formando uma síntese do tempo. Nesse sentido, o tempo só se constitui na síntese originária que incide sobre a repetição de instantes, contraindo os instantes uns nos outros, sendo esses instantes sucessivos e independentes. Por conseguinte, constituindo o presente vivo, é nesse presente que o tempo se desenrola. Portanto, o presente vivido vai do passado ao futuro que ele constitui no tempo (Deleuze, 2018. p. 118).

A Repetição na síntese do presente é representada pelo hábito. O hábito extrai da Repetição algo de novo, neste caso a Diferença, inicialmente posta como generalidade. Deleuze (2018) afirma que o hábito é uma contração, fusão da Repetição no espírito que contempla. É contraindo que somos hábitos, mas é pela contemplação que contraímos. Assim, a repetição nada muda no objeto que se repete, mas muda alguma coisa no espírito que contempla essa repetição.

Desta forma, a repetição compreendida como potência e processo artístico, tal qual como na pesquisa que desenvolvo, não mudaria algo diretamente no objeto que está em processo de repetição, mas mudaria alguma coisa no espírito que contempla ou realiza a repetição, neste caso, eu como artista. A Repetição vista como hábito no presente vivo, modifica o interior do artista que submete sua prática artística a ação de repetir, por conseguinte, a Repetição em si também se modifica.

O que se transforma é o modo como entendo a repetição que está em ação; com a reexecução de um ato incontáveis vezes, algo se modifica, gestos são abandonados e outros aperfeiçoados, visando o melhoramento da repetição em função do objetivo posto sobre ela. Entendo subjetivamente que o ato de repetir como hábito se modifica conforme me envolvo, constantemente, com a ação. São diferenças que surgem de uma repetição a outra de forma inconsciente enquanto executo a repetição, não são melhoramentos realizados racionalmente, mesmo que possam acontecer; no entanto, tais diferenças podem ser percebidas, posteriormente, durante a reexecução da repetição, contudo, novas diferenças estarão sendo produzidas no mesmo momento em que as antigas são descobertas, fenômeno relativo ao passado e comentado a seguir. Assim, produzindo um ciclo de formação e revelação simultâneos durante o repetir como hábito.

A primeira síntese do tempo é a originária, no entanto, também é intratemporal. Ela constitui o tempo como presente, mas como presente que passa. O tempo não inicia no presente, mas o presente está em constante movimento na temporalidade, por meio de saltos que se recobrem parcialmente. Assim, o presente é um paradoxo, enquanto constitui o tempo, também passa nesse tempo constituído (Deleuze, 2018. p. 117). Desta forma, é preciso um outro tempo em que se opera a primeira síntese, remetendo a uma segunda síntese do tempo, neste caso, a síntese do passado ou da memória. Porém a primeira síntese, referente ao hábito e pertencente ao presente é a fundação do tempo, no entanto, não é o seu fundamento.

A pretensão do presente é passar. Contudo, o que faz com que o presente passe e o que se apropria deste presente e do hábito pertencente a ele é determinado como fundamento do tempo, assim, o fundamento do tempo é a memória. Levando em consideração que a memória é ativa, ela repousa no hábito; é no momento em que a memória se funda no hábito que outra síntese passiva se origina, neste caso, a síntese da memória ou *Mnemósina*, pertencente ao passado. "O hábito é a síntese originária do tempo que constitui a vida do presente que passa; a memória é a síntese fundamental do tempo que constitui o ser do passado (o que faz passar o presente)." (Deleuze, 2018, p. 118).

Para Deleuze (2018) o passado encontra-se fechado entre dois presentes, o primeiro deles é aquele que ele foi e o outro é aquele em relação ao qual ele é passado. O antigo e o atual presentes não são dois instantes sucessivos na linha do tempo, mas sim, o atual preserva uma dimensão do antigo presente. Assim, a síntese pertencente ao passado é uma síntese ativa da memória, sendo uma representação do antigo presente e reflexão do atual. Deste modo, a síntese do hábito constituía o tempo como contratação dos instantes sob uma condição de presente, todavia, a síntese da memória constitui o tempo como encaixe dos próprios presentes.

A síntese do hábito e a síntese da memória diferem entre si, assim, refletindo na Repetição, podendo ser repetições materiais ou espirituais. As duas repetições são bastantes diferentes entre si, enquanto a repetição material é referente à instantes ou elementos sucessivos independentes, a repetição espiritual é referente ao todo, em níveis diversos coexistentes. Tais diferenças entre as repetições interferem diferentemente na própria noção de Diferença, derivada do ato de repetir. Na repetição material a Diferença é extraída na medida em que os elementos ou instantes se contraem num presente vivo. Na repetição espiritual a Diferença está incluída na medida em que o todo compreende a diferença entre seus níveis (Deleuze, 2018. p. 121).

Conforme o exposto, verifica-se que as repetições realizadas por meio do hábito ou pela memória, distinguem entre si e influenciam nas diferenças geradas a partir delas. A repetição material é relacionada ao presente e formada por instantes de tempos independentes que se contraem, nesse sentido, fazendo uma relação com a poética que desenvolvo, os elementos repetidos de forma material, física e virtualmente, possuem cada um, uma temporalidade diferente no seu cerne, assim sendo, singulares e independentes entre eles, porém contraídos em um presente vivo ou reunidos em apenas uma proposta artística.

Já a repetição espiritual, formada pela memória e pertencente ao passado, é um encaixe do todo, de todos os níveis dos diversos presentes que formam essa temporalidade. Nesse sentido, os hábitos pertencentes ao presente e a sua síntese, transformam-se em memória; na perspectiva da pesquisa, a repetição na temporalidade do passado é vista na execução de ações que aconteceram anteriormente e que são retomadas no presente na forma de uma reflexão imposta pelo passado. Por conseguinte, toda a diferença gerada no interior do sujeito durante a ação de repetir no presente antigo, acumulasse no

passado e é revisitada a todo momento novamente no presente atual. Assim, as diferenças estarão evidentes nesse trânsito interno e espiritual entre o passado (memória) e o presente (hábito), sendo percebidas na poética na realização das ações para a repetição dos elementos.

A terceira Repetição, pertencente ao futuro, é descrita por Deleuze (2018) como um eterno retorno, pois a repetição é uma ação antes de ser um conceito da reflexão. Na Repetição só produzimos algo constituindo o passado e metamorfoseando o presente. O que é repetido neste terceiro tempo é uma repetição por excesso, a repetição do futuro como um eterno retorno. O eterno retorno afeta o novo, o que é repetido sob a condição da insuficiência e por intermédio da metamorfose. Nesse processo, o repetido é autônomo dos outros tempos, é repetido por excesso, ele é novo e sozinho, constituindo o terceiro tempo, o futuro (Deleuze, 2018. p. 131).

Na terceira síntese, o presente torna-se apenas um agente, com a função de desaparecer, enquanto o passado transforma-se em apenas uma condição operando por insuficiência. Desta forma, a síntese do tempo constitui um futuro que afirma a infinidade do produto submetido a repetição. O presente, o passado e o futuro se revelam como repetição por meio das três sínteses do tempo, cada um agindo de modos diferentes na ação de repetir. Dessa forma, "O presente é o repetidor, o passado é a própria repetição, mas o futuro é o repetido" (Deleuze, 2018, p. 132).

Conforme o exposto, a terceira síntese do tempo, pertencente ao futuro é descrita como um eterno retorno, assim constata-se que a Repetição que acontece no presente (hábito), submetida a repetição do passado (memória) é uma repetição que se perpetuará infinitamente, sempre retornando e existindo em si mesma, designando a repetição do futuro. A Repetição no eterno retorno acontece como um excesso do que já está instaurado, contudo, visando uma independência das outras duas sínteses, do ponto de vista de suceder e constituir novas temporalidades.

O futuro é o repetido, é a ação final da Repetição que não aconteceria sem as outras temporalidades, pois o passado é a reflexão do ato de repetir do presente. As três temporalidades, suas sínteses e cada um dos tipos de repetição são o que constituem a Repetição como um todo. Assim, a Repetição não deve ser analisada apenas diante de um dos tempos, mas sim como uma ação acontecendo, simultaneamente, entre as temporalidades. A Repetição é coexistente, na qual o presente, o passado e o futuro possuem, cada um a sua singularidade na constituição da repetição como potência de liberdade em direção às diferenças.

Por fim, a Repetição não é fixa a um termo, supostamente originário ou último. Pois o objeto repetido se desloca entre duas séries temporais coexistentes, entre os dois presentes, o atual e o antigo, assim, nenhuma das séries pode ser considerada ou designada como sendo a original ou a derivada. A Repetição não é uma simples repetição de elementos ou de partes que se sucedem, mas é a repetição de totalidades que coexistem em diferentes níveis temporais. Portanto, a Diferença não é extraída de



apenas uma repetição, mas entre as temporalidades de uma repetição que é totalizante (Deleuze, 2018. p. 378).

Desta forma, a Repetição não possui um original, um elemento que desdobra os outros, ela é a repetição de um todo que coexiste entre as temporalidades e as diferenças entre os tipos de repetição. Antes de uma ação ser designada como uma repetição no presente, ela própria já é uma reminiscência do passado, que foi um futuro em outros ciclos temporais.

Diante disso, a Repetição como potência artística na contemporaneidade, possibilita a identificação de diferenças entre os inúmeros elementos/imagens repetidos, que em uma primeira análise são semelhantes e equivalentes. No entanto, a repetição também viabiliza a liberdade heterogênea da Arte Contemporânea, na qual a Diferença ganha força entre as repetições, que apesar de serem constantes, não possuem caráter nocivo, pois é a diferença que importa na Arte, do ponto de vista de questionar uma sociedade submissa à transformações constantes, porém cada vez mais automatizada e padronizada.



REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Diferença e Repetição*. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

BADIOU, Alain. *As Condições da Arte Contemporânea*. Tradução: Jorge Soledar. Disponível em: https://www.academia.edu/30975674/As_Condi%C3%A7%C3%B5es_da_Arte_Contempor%C3%A2nea_2013_Alain_Badiou_trad_Jorge_Soledar_. Acesso em: 27 ago. 2023.